

AS GRANDES PERGUNTAS DA VIDA ESPIRITUAL¹

Swami Paratparananda²

Este mundo é como uma escola em que cada ser humano aprende as lições de sua vida, seja espiritual ou secular. Alguns as aprendem de um modo duro, ou doloroso, enquanto outros, de um modo mais fácil, aproveitando a experiência dos que seguem ou têm seguido o caminho particular pelo qual eles querem andar. Os primeiros passam por penosas experiências através de toda sua vida antes de compreender o que é bom para eles. Mas todos têm que aprender a lição para ter sucesso e sair para sempre da escola deste mundo. Isto é especialmente verdadeiro na vida espiritual. Os problemas que enfrenta o aspirante da vida espiritual são muito sutis e requerem uma mente aguda e penetrante para resolvê-los. Portanto, ele deve examinar e discernir os valores das coisas muito profundamente. Um dos *Upanishads*, o *Mundaka*, exige do que anseia libertar-se esta reflexão. Diz: “Um brâmane, isto é, aquele que dedica toda a vida à religião, tendo examinado os mundos que se alcançam pelos sacrifícios e outros atos meritórios, deve lograr o desapego já que não se logra o não-criado, a imortalidade, por meio da ação.”

Os grandes mestres desta vida espiritual nos deixaram como legado o profundo e valioso tesouro de suas experiências, e também mostraram os perigos que o aspirante da vida religiosa encontra em seu caminho à liberação. Houve um tempo em que as portas dessas experiências e ensinamentos estavam fechadas para o homem comum, se abriam unicamente para os crentes das doutrinas de um mestre ou religião particular, isto é, se revelavam esses ensinamentos aos que seguiam um mestre ou uma dada religião. Mas hoje em dia o caso não é assim; quase todos os mais secretos ensinamentos se encontram ao alcance de toda a humanidade. Aquele que quer servir-se dessa herança pode dispor dela, se somente tem aptidão e realmente anseia ver a Deus. Este anseio é a base fundamental da vida espiritual, pois somente então o homem abrirá seu coração para ouvir acerca dos meios para lograr a meta e evitar os perigos no caminho. O *Brihadaranyaka Upanishad* põe ênfase sobre o ouvir sobre o

¹ Tradução do texto da palestra em espanhol “*Las Grandes Preguntas de la Vida Espiritual*”, de 24 de outubro de 1972.

² Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, <https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html>.

Ātman, ou Ser Supremo, dos lábios de uma pessoa que o tenha realizado, ou visto. O mesmo podemos dizer sobre os meios para lográ-lo. Primeiro devemos ouvir, logo, praticar o que temos ouvido.

Tendo chegado à conclusão de que os ensinamentos dos mestres espirituais nos mostram o caminho rumo à Suprema Realidade e o iluminam para que possamos segui-lo sem desviar-nos, vamos estudar algumas delas. A vida, em geral, faz surgir diante de nós muitas perguntas, algumas fundamentais ou básicas, outras triviais. As primeiras têm importância para todos nós durante toda nossa vida; enquanto as segundas somente em momentos particulares nas vidas individuais. As básicas realmente são as mais importantes da vida. O caráter do homem e seu progresso rumo à liberação dependem de se ele encontrou as respostas a elas ou não. Felizmente, para obter as respostas ele não precisa depender de suas próprias experiências e inteligência, senão que pode recorrer às dos grandes mestres espirituais. Em realidade, o verdadeiro e permanente bem do ser humano está em liberar-se, em romper as amarras do mundo; mediante a direta visão de Deus. E “o caminho para lográ-la é o que percorreram os sábios; não existe outro modo de sair desta rede de ilusão, deste mundo de nascimentos, sofrimentos e mortes,” diz um dos *Upanishads*, o *Shvetashvatara*.

Buddha foi um dos maiores sábios desta terra, e deixou respostas às perguntas fundamentais, as quais chegou a descobrir por suas próprias experiências e indagações, e valerá a pena para um aspirante espiritual estudá-las com cuidado e pôr logo os conselhos em prática.

Durante sua gira de pregação pela Índia, certo dia em que Buddha estava residindo no Jetavana, um pomar que pertencia a um de seus discípulos leigos, Anathapindaka, chegou ao lugar um *deva*, ser celestial, sob a forma de um brâmane; se lhe aproximou e fez vinte e uma perguntas, em cinco grupos de quatro, e uma à parte. Buddha as contestou de forma breve, quase de aforismos. Isto faz imprescindível que aprofundemos sobre essas respostas. A um exame superficial estas perguntas nos pareceriam insignificantes, no entanto, carregam muito significado para aquele que aspira seguir o caminho espiritual e alcançar a meta, Deus.

Aqui as enumeraremos. O brâmane perguntou: “Qual é a espada mais afiada? Qual é o veneno mais mortífero? Qual é o fogo mais ardente? Qual é a noite mais escura?” Respondeu Buddha: “Uma palavra pronunciada com ira é a espada mais afiada”. Naquela época não se conheciam as armas de fogo; a espada era a arma mais utilizada. Sabemos bem que a espada fere o inimigo, que às vezes o mata, mas uma palavra pronunciada com ira rompe até a maior amizade. Também fere aquele que a pronuncia, porque a ira causa distúrbios em sua mente e às vezes o deixa

prostrado. Se se examina a raiz de muitas brigas e até das grandes controvérsias e batalhas internacionais, se encontrará que as palavras ditas com ira foram a causa. Buddha diz no *Dhammapada*, “Que se guarde da irritação da fala. Que se pratique domínio sobre ela. Tendo abandonado os erros da fala, que se pratique a virtude nela”. Um dos conselhos populares do hinduísmo é: “Falar a verdade, mas a que é doce”. Isto é, não a que fere. A ira faz desaparecer a doçura da fala, por conseguinte, como diz o *Dhammapada*, “aquele que controla sua ira nascente, assim como a um carro puxado por cavalos, a esse eu chamo um verdadeiro condutor; os demais somente têm as rédeas em suas mãos, não sabem dirigir a carruagem.”

A fala é um índice do caráter do homem. Sai de sua boca o que ele sempre pensa, e o homem que pronuncia palavras estando sob o domínio da ira destrói sua imagem criada com todo empenho e cuidado diante dos demais; assim perde o fruto de todo seu esforço.

“A cobiça é o veneno mais mortífero” - disse Buddha. A base de todas nossas brigas consiste em cobiçar coisas do mundo. Aquele que está sujeito à cobiça, nunca se satisfaz. Como o veneno, pouco a pouco corrói todos os sentimentos mais ternos de seu coração, esquece até o parentesco mais próximo e quer adquirir a todo custo o que lhe dá prazer. Inventa razões para justificar sua atitude; assim, gradualmente se afasta do próximo e também de Deus. Diz Sri Krishna no *Bhagavad Gita*: “Aquele que ruma ou pensa nos objetos mundanos, chega a aferrar-se a eles. Deste apego nascem os desejos, e do desejo se manifesta a ira e esta confunde o homem, e a confusão quebra a faculdade do discernimento, e daí, perece.” Vemos assim quão daninha é a cobiça.

Disse Buddha: “A paixão é o fogo mais ardente.” O fogo material somente queima as coisas do mundo, os objetos externos. Com um pouco de cuidado se podem evitar as queimaduras; pode-se salvar-se ainda de uma casa em chamas fugindo dela, mas a paixão é um fogo interno e persegue o homem aonde quer que ele vá, e reduz a cinzas todas suas boas resoluções e sentimentos se não o apaga com fino discernimento e pensamento em Deus. O contínuo pensar em Deus é o único modo de apagar este fogo interno; apaziguando-o mediante a satisfação da paixão, como aconselham alguns, ele nunca se apaga. Há um ditado sânscrito que afirma isto: “Nunca se tranquiliza a paixão satisfazendo-a; pelo contrário, arde com muito mais força, do mesmo modo que o fogo em que se verte manteiga derretida.” É por isso que Buddha qualifica a paixão como o fogo mais ardente.

“A ignorância é a noite mais escura”, respondeu Buddha. Na escuridão da noite não se vê bem nada e, como consequência, se consideram as coisas daninhas como boas e vice-versa. Se toma por uma serpente uma corda que está no caminho e se espanta. Assim mesmo, a ignorância sobre a realidade e valores das coisas enreda o ser humano alucinando-o e fazendo-lhe tomar por real o que não o é. A verdadeira Realidade é Deus; todo o demais é ilusório, de pouca duração. Este é o Conhecimento. O oposto é a ignorância. É esta ignorância a que uma e outra vez impele o homem a cometer erros e logo sofrer as consequências, como nascimento, sofrimento e morte. Por conseguinte, aquele que anseia liberar-se deve desfazer-se dela pelo firme discernimento entre a Realidade e a irrealdade, porque, assim como na noite escura se cai inadvertidamente nos poços do caminho, ou se desvia dele, assim mesmo se desvia do caminho espiritual ou cai vítima das atrações mundanas devido à ignorância.

O brâmane perguntou: “Quem logra o maior benefício?” Buddha respondeu: “Aquele que dá aos demais é o mais beneficiado.” O dar é uma coisa nobre, dar sem motivo ulterior, sem esperança de recompensa, é ainda mais notável. O homem pode dar quatro classes de coisas, a saber: o alimento, a vida - resgatando alguém de um perigo iminente -, a educação, e, por último, a espiritualidade. Buddha diz: “Todos amam o homem caritativo; se estima muito sua amizade; no momento da morte o coração deste homem se encontra tranquilo e cheio de alegria, porque não padece arrependimento algum; goza da flor e fruto de sua recompensa. É difícil compreender isto -continua Buddha- que apresentando nossa comida obtemos mais força; que dando roupas ao próximo logamos mais beleza; que estabelecendo moradas de pureza e verdade, adquirimos grandes tesouros.” A ideia comum de que a coisa proporcionada a outro é uma perda, é um equívoco, porque o doador sem motivo se enobrece, cultiva o desapego e aprende a sair do egoísmo, que em verdade é um impedimento muito grande no caminho espiritual. O inegoísmo consiste em ampliar a visão e expandir o coração até incluir nele todo o universo. Portanto, todas as religiões insistem na caridade. Swami Vivekananda diz: “Não há virtude mais elevada que a caridade. O homem mais vil é aquele cujas mãos se estendem para receber; e é o homem mais elevado aquele cuja mão se estende para dar. A mão foi criada para dar sempre. Dê o último pedaço de pão que possuíis ainda que estejais famintos; sereis livres em um momento se morreres de fome alimentando a outros. De imediato sereis perfeitos, vos convertereis em Deus.”

A pergunta seguinte do brâmane foi: “Quem sofre a maior perda?” Buddha respondeu: “Aquele que recebe das pessoas sem recompensá-las,

é quem sofre a maior perda.” Parece uma declaração paradoxal, mas se examinarmos mais profundamente encontraremos que não é assim. O que ocorre com aquele que recebe? Ele submete sua liberdade ao doador. Cada vez que este quisesse algum serviço do primeiro e o mandasse chamar, ele teria que deixar todo seu trabalho e responder ao chamado, perdendo assim sua liberdade. Que perda é mais grande que a da liberdade? Além disso, aquele que recebe se sente humilhado. Também se acostuma a depender da gente e converter-se em ocioso. Uma das virtudes que Patañjali, o grande mestre, enumera em seus aforismos de Yoga, é a não aceitação de obséquios como meio para a limpeza mental do aspirante espiritual. Os psicólogos hindus opinam que o que recebe participa das boas e más ações e qualidades do que dá; portanto, até os monges discriminam antes de receber qualquer coisa de uma pessoa. Na vida espiritual, as manchas produzidas por receber presentes de pessoas não virtuosas, ou que encerram determinados motivos pessoais são consideradas muito daninhas. Por conseguinte, devemos tomar muita precaução em receber, ou, já que nós comumente não podemos intuir nem o motivo nem as qualidades do doador, é melhor não receber nada.

O brâmane perguntou: “Qual é a armadura mais impenetrável?” Respondeu Buddha: “A paciência é a armadura mais impenetrável.” Esta é uma virtude muito grande. Vence a todos os adversários e inimigos. Há um incidente na vida de Buddha que ilustra isto muito graficamente. Certo dia, quando passava por uma aldeia, se encontrou com um homem mundano que o vendo vestido de mendigo o insultou de muitas maneiras. Buddha ouviu tudo e logo disse: “Querido irmão, a quem pertence um presente cujo destinatário se recusa a recebê-lo?” O homem contestou: “Por certo, àquele que o ofereceu.” Buddha então replicou: “Eu não aceito teus insultos; ficarão contigo.” Aquele que tem paciência não deixa perturbar sua mente; se mantém tranquilo e equânime em todas as circunstâncias. A equanimidade lhe proporciona a faculdade de julgar e valorar as coisas em suas próprias perspectivas. Assim, a paciência se converte como em uma armadura impenetrável, e o homem que a possui não se deixa levar pelas paixões e súbitas emoções. Também é considerada uma austeridade pelos budistas.

A pergunta seguinte foi: “Qual é a melhor arma?” A resposta foi: “A sabedoria.” Esta é a que se capacita para atuar devidamente e sem preconceito em todas as circunstâncias. Não consiste em matar o inimigo, mas em não ter inimigo algum no mundo. São nossas palavras e atos daninhos para com os demais que os converte em inimigos. Um homem de sabedoria nunca pensa em fazer dano a ninguém; atua ou fala depois de muita reflexão. Sua sabedoria lhe defende como uma arma dos ataques da

ira e paixões similares. Sabe que a Verdade é a única coisa que ele deve buscar e lograr, que todo o demais é passageiro; por conseguinte, a usa para aniquilar todos os desejos e paixões que estão dentro dele. Só esta classe de sabedoria é verdadeira, não a que nos capacita para ganhar riquezas e coisas assim neste mundo.

O brâmane perguntou: “Quem é o ladrão mais perigoso?” Buddha respondeu: “O ladrão mais perigoso é o mau pensamento.” O ladrão no mundo rouba os bens das pessoas, às vezes atacando-as até matá-las.

Assim mesmo, o mau pensamento destrói todas as virtudes do homem e o dirige rumo a um caminho vicioso. Tudo o que o aspirante logrou por seus árduos esforços durante toda a vida, o perde pouco a pouco devido ao mau pensamento. Também rouba sua tranquilidade. Além disso, uma vez que começam os pensamentos maus, tarde ou cedo se convertem em um hábito, e sabemos bem quão difícil é arrancar um hábito formado. Os hábitos em conjunto, é o que se chama o caráter. Perdendo o caráter, o ser humano perde tudo; seus amigos e parentes não confiam mais nele. Vemos assim que Buddha tinha razão em qualificar o mau pensamento como o ladrão mais perigoso.

A pergunta seguinte foi: “Qual é o tesouro mais precioso?” E a resposta de Buddha: “A virtude é o tesouro mais precioso.” O tesouro ou os bens nos dão segurança no mundo; pode-se recorrer ao tesouro quando se encontra em dificuldades financeiras, lhe proporciona certas comodidades, lhe provê de alimento, roupa e coisas assim. O tesouro de virtude lhe proporciona uma intrepidez tal que pode enfrentar inclusive a morte com calma e alegria. É a base fundamental da vida espiritual. Aquele que a possui, não sente incômodo em sua consciência. Aderir à virtude salva de muitos perigos.

O brâmane perguntou: “Quem logra o melhor sucesso em procurar-se benefício, pela violência, não somente na terra, mas também nos céus?” Buddha, respondeu: “É o Ser quem pode extrair benefício por violência, não tão somente na terra, mas também nos céus.” O sentido desta pergunta e sua resposta é um pouco obscuro. No entanto, trataremos de explicá-lo segundo nosso entendimento. Qual é o maior benefício? Por certo, alcançar o Ser, a Suprema Verdade, ou Deus. Aquele que se considera a si mesmo como o corpo, e dedica todos seus esforços a sua manutenção e conforto, nunca pode alcançar esse Ser; pelo contrário, aquele que depois de constantes e contínuos esforços tem podido deixar de identificar-se com o corpo, mente e ego, e considerar-se a si mesmo como o Ser, logrando a visão de Deus e vendo-O intimamente presente em seu coração, extrai o maior benefício por violência, por dizê-lo assim. Para ele não resta nada

por lograr, nem na terra, nem nos céus, porque outros benefícios, sejam aqui ou nos céus, são igualmente passageiros. E como Buddha não fala de nada senão do *Nirvana* e os meios para lográ-lo, podemos dizer que este é o significado de sua resposta. Isto concorda com a pergunta e resposta seguinte.

O brâmane disse: “Qual é o tesouro mais seguro?” Respondeu Buddha: “A imortalidade é o tesouro mais seguro.” Os ladrões podem minar e furtar o tesouro mundano; também podem surgir brigas entre os filhos para possuí-lo, até pode causar dano físico ou morte ao possuidor; também pode desvalorizar-se. É tão inseguro! Não podemos levá-lo conosco quando deixamos de estar com vida, é tão ilusório! Mas a imortalidade, uma vez que se logra, nunca se perde. Os ladrões não podem quitá-la, tampouco os filhos. A imortalidade é o tesouro único que o homem pode levar consigo depois de sua morte. Porque ele alcançou o Ser que é permanente, eterno e indestrutível. A Imortalidade significa alcançar a ver, a sentir, que não somos corpos nem mentes nem egos, senão o Ser imperecível. Alcançando este estado não resta mais por lograr; não voltaremos mais a esta terra de nascimentos e mortes; não há mais ir e vir.

A pergunta seguinte foi: “O que é mais atrativo?” Buddha replicou: “O bom é o mais atrativo.” No mundo nos atrai tudo o que é belo, como por exemplo, as serenas cenas de uma paragem pitoresca e tranquila. Ocorre ainda mais com o que é bom. A natureza muda e às vezes os mesmos lugares que pareceram belos se convertem em insuportáveis devido a mudanças no clima ou outras circunstâncias, mas o bom nunca muda. Podemos passar horas, dias e anos contemplando os retratos dos Deuses-homens como Jesus, Buddha, Sri Krishna e Sri Ramakrishna. Porque estes trazem à mente todo o bem que eles fizeram à humanidade, não somente de Seu tempo, mas de todos os tempos. Além disso, irradiam serenidade e bondade. São os maiores exemplos da vida espiritual. Quando nos encontramos em situações difíceis ou transtornos mentais, com sua contemplação recordamos Suas palavras de alento e força. Há um incidente na vida de Sri Ramanuja que nos mostra com clareza que o bom somente o encontramos no Eterno, nunca no efêmero. Certa vez, quando se levava a imagem de Deus em procissão em certa cidade da Índia, Sri Ramanuja viu a um homem prestar muita atenção a uma mulher, protegendo-a do sol com uma sombrinha com muita ternura esquecendo-se totalmente de Deus, e da possível crítica de sua atitude. Depois que terminou a procissão, Ramanuja se lhe aproximou ao homem e lhe perguntou: “Bom homem, o que é o que te atrai nessa mulher?” Respondeu o homem: “Me atraem seus grandes e brilhantes olhos; me têm enfeitiçado.” Ouvindo-o, Ramanuja lhe disse: “Vem comigo, te mostrarei

uns olhos muito mais encantadores e não mortais.” E o levou ao templo e lhe mostrou a imagem. A força espiritual de Sri Ramanuja e a beleza da imagem deixou tal impressão no homem que nunca mais voltou a ver essa mulher. Fez-se seu discípulo e dedicou sua vida para lograr a visão de Deus. Também encontramos uma passagem no *Katha Upanishad* onde o mestre diz ao discípulo: “Duas classes de objetos sempre rodeiam e perseguem o homem: o bom e o agradável. Tudo é auspicioso com aquele que escolhe o bom. Por outra parte, aquele que escolhe o agradável perde sua meta.” O agradável é momentâneo e quase sempre se volta desagradável. O mundo não pode nos proporcionar coisas eternamente agradáveis. O bom é o espiritual. Portanto, é o que deve ser mais atrativo para um ser que discerne.

O brâmane perguntou: “O que é o que causa mais desgosto?” Respondeu Buddha: “O mal é o que causa mais desgosto.” Sabemos isto bem. Evitamos a má companhia, coisas sujas, como algo desagradável; algo perigoso; algo insalubre. Devemos ter muito cuidado com o mal, porque a tendência do ser humano é sempre buscar os meios fáceis e cômodos para levar a vida. E muitas vezes, isto conduz o homem inadvertidamente ao mau caminho. Sabemos bem quão exaustivo é sair de um costume vicioso. Tendo isto em conta, devemos pôr esmero em nossas ações diárias, para que elas não nos metam no labirinto de ignorância.

O brâmane perguntou: “Qual é a dor mais horrível?” Respondeu Buddha: “Uma consciência manchada é a dor mais atormentadora.” A consciência se mancha quando se faz algum ato contrário às regras, costumes ou leis sociais ou jurídicas. Além disso teme ser descoberto e castigado. Vive no temor toda sua vida; perde a confiança inclusive nos mais íntimos amigos e parentes; mas às vezes ocorre que o ato repetido amortece a consciência, isto é, diminui sua vivacidade, e isto é muito pernicioso para a vida espiritual. A consciência limpa é imperativa para lograr a visão de Deus.

Logo o brâmane perguntou: “Qual é a alegria mais elevada?” Respondeu Buddha: “A bem-aventurança da liberação é a alegria mais elevada.” Todos nós nos encontramos circunscritos, limitados, pelo ambiente, pelos deveres e obrigações e coisas semelhantes. Ansiamos a liberdade porque, inconscientemente, sabemos que a felicidade está na bem-aventurança da liberação; mas quase sempre cremos que podemos lográ-la tendo um ou outro objeto. No entanto, adquirindo-o percebemos que estamos tão longe como sempre da bem-aventurança. Não há bem-aventurança eterna e imperecível em coisas do mundo. São muito poucos os que compreendem isto desde o começo de sua vida; a maioria da

humanidade quer experimentar por si mesma. Como consequência atravessa o oceano de sofrimentos e transtornos. A liberação bem-aventurada se encontra somente na união com Deus. Quando o homem, esquecendo todas suas preocupações e as chamadas felicidades mundanas, chega a compreender isto, somente então dedicará sua vida ao logro desta liberação.

A pergunta seguinte foi: “O que causa a ruína no mundo?” A resposta foi: “A ignorância.” A ignorância é um obstáculo muito grande que nos mostra tudo ao contrário, a Verdade como falsa e a falsidade como verdade; o bom como o mal e vice-versa. Assim nos desvia do caminho reto. Todos nossos transtornos têm por base a ignorância, porque nos tem obrigado a tomar por real o que não o é. Nos aferramos às coisas fugazes devido a esta ignorância. E isso é o que causa nossa ruína, no sentido espiritual neste mundo. Este mundo é o único lugar no que o ser humano ou até os seres celestiais podem tratar de liberar-se. Segundo os hindus, até os céus são somente lugares impermanentes de gozo, onde o ser desfruta das ações boas ou meritórias que ele executa no mundo. Depois que acabam os méritos ele volta a esta terra para sofrer de novo todos os resultados das más ações ou tentar lograr a liberação. Por conseguinte, aquele que tendo este corpo humano o malgasta nos prazeres esquecendo sua única meta, Deus, somente causa sua própria ruína.

O brâmane perguntou: “O que quebra a amizade?” Replicou Buddha: “A inveja e o egoísmo, ou o interesse pessoal.” A inveja surge no coração do homem quando vê a outro gozando de saúde, bens e posição mais que ele mesmo. Isto ocorre ainda quando os afortunados são íntimos amigos ou queridos, e, como consequência, o desgraçado deixa sair algumas palavras de seus lábios ou assume uma conduta que mostram esta inveja, e assim, quebra a amizade. O mesmo sucede com o interesse pessoal. Swami Vivekananda diz: “O egoísmo é o diabo encarnado no homem. Até um pouco do ego, de interesse pessoal, é todo um diabo. Tirai fora o egoísmo por um lado e Deus entra pelo outro. Quando se tira por completo o ego, resta somente Deus. A luz e a escuridão nunca podem estar juntas.” O egoísmo reclama tudo quanto há no mundo para si mesmo. A um homem egoísta não lhe importa nada o que ocorra com as pessoas; sempre insiste em suas comodidades até deixar prostrados os que o rodeiam. Isto é o que causa distúrbio na família e corrói a amizade entre os amigos ou entre as nações. Isto é o que afasta o homem do próximo e também de Deus. Esse egoísmo surge da ideia do individualismo, onde não há lugar para o pensamento que o mundo é a manifestação de Deus, que não há ninguém estranho aqui.

O brâmane perguntou: “Qual é a febre mais violenta?” Respondeu Buddha: “O ódio.” Até a febre mais violenta causa danos somente ao corpo de uma pessoa que a sofre, causa muitos desarranjos nele; mas o ódio é mais poderoso, engendra catástrofes nacionais e internacionais. Sendo assim é penoso ver que alguns o cultivam assiduamente e o inculcam em seus filhos. Não existe animal algum que possa atuar pior que um homem possuído pelo ódio. Esta febre é quase incurável, e espiritualmente, mata ao que a padece. Isto ocorre porque este homem tem esquecido que é seu Ser que se manifesta em todos os seres. Odiar aos demais é igual que odiar-se a si mesmo, e causa não tanto dano as pessoas como a si mesmo; pois aquele que odeia perde sua equanimidade mental e, como consequência, nunca logra a tranquilidade. Portanto, Buddha o qualifica como a febre mais violenta.

A pergunta seguinte foi: “Quem é o melhor médico?” Buddha respondeu: “O Iluminado.” O Iluminado é aquele que experimentou a Suprema Verdade. Buddha viu os sofrimentos no mundo e buscou as causas que os produzem. Tendo a Iluminação, percebeu claramente quais eram elas. Logo difundiu Sua mensagem ao mundo, que padecia transtornos e doenças mundanas. Todos os Deuses-homens, como Jesus, Buddha, Sri Krishna, Sri Ramakrishna, eram Iluminados. O médico cura somente a doença do corpo, mas os Iluminados atendem à doença mundanal da qual a humanidade sofre. Qual é a doença mundanal? A ignorância e seus efeitos: o aferrar-se às coisas fugazes, o esquecimento da Suprema Realidade e o sofrimento por causa disso. Tendo a iluminação, o ser humano se livra de toda esta doença. Portanto, Buddha chama ao Iluminado, como o melhor médico.

Então o *deva* na forma do brâmane, disse: “Agora tenho uma só dúvida: O que é o que o fogo não pode queimar, nem a umidade corroer, nem o vento destruir, senão que, pelo contrário, pode reformar ao mundo inteiro?” Buddha respondeu: “A bênção. Nem o fogo, nem a umidade, nem o vento, pode destruir as bênções de um ato bom; mais ainda, reformará ao mundo inteiro.” São os atos bons os que nos salvam deste mundo de sofrimentos e mortes. O benfeitor é uma bênção para esta terra. A benevolência de seus atos não exclui a ninguém. A bênção desses atos bons não pode ser destruída de nenhuma maneira. São essas bênções as que reformam, não somente ao indivíduo, mas também ao mundo inteiro. As pessoas aprendem o valor das boas ações vendo seus resultados, e também ao que as tem executado. *Reuniões e sermões para mostrar qual é a vida digna de um homem estão bem, mas não deixam nenhuma impressão nos ouvintes se não se pratica o que se predica.* O homem comum sempre precisa de um exemplo

para imitar. Isto é muito mais certo na vida espiritual. Os Deuses-homens, santos e sábios são os exemplos da vida espiritual.

Vamos resumir: a ira, a cobiça, a paixão, a ignorância, a inveja, o ódio, são os inimigos do homem. A generosidade, a paciência, a sabedoria, a virtude, são os amigos de um aspirante espiritual. Uma mente limpa e os bons atos são os meios para lograr a imortalidade, a bem-aventurança mais elevada da liberação. Uma pessoa iluminada, vale dizer, que logrou a liberação, é o melhor guia.

Que nos aprofundemos nesses ensinamentos de Buddha e que Deus nos dê força para pô-los em prática.

